

QUAL IMAGEM É SENTIDO DE VIDA? ESTUDO TEÓRICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IMAGENS, INFORMAÇÃO E ESTILO DE VIDA NA VISÃO ONTOPSICOLÓGICA

Gustavo Fronza de Prá¹, Breno Prado da Silva², Patrícia Wazlawick³, Ricardo Schaefer⁴

Resumo: O ser humano vive em um universo informacional, enquanto informa também é informado. No entanto, deve encontrar um critério de valor para que possa selecionar, em meio a uma infinidade de imagens, qual é aquela que pode lhe dar sentido justo na condução da própria existência. Deste modo, o presente trabalho possui o objetivo de elucidar a importância da compreensão das imagens, verificando se elas geram influência na vida cotidiana do ser humano, destacando como são as dinâmicas das imagens que expandem a própria identidade de natureza e como são as dinâmicas das imagens que fixam o pensamento, a emoção e a ação individual. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas revisões bibliográficas, em obras primariamente do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, além de conter contribuições de autores diversos que pesquisaram sobre o tema. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, em método qualitativo com a utilização pesquisa bibliográfica acerca do tema. A partir da análise das informações coletadas foi possível compreender que existe influência das imagens no indivíduo, entendendo sua importância, impacto e dinâmicas. Destaca-se, então, a importância da sua verificação, e dá-se algumas passagens técnicas para se identificar quais imagens são sentido de vida.

Palavras-chave: imagem; informação; autóctise histórica; estilo de vida; Ontopsicologia.

Which image is the meaning of life? Theoretical study on the relationship between images, information and lifestyle from an ontopsihological perspective

Abstract: Human beings live in an informational universe, while they inform they are also informed. However, you must find a value criterion so that you can select, among an infinite number of images, which one can give you a fair meaning in the conduct of your own existence. In this way, the present work aims to elucidate the importance of understanding images, verifying whether they generate influence on the daily life of human beings, highlighting how the dynamics of images expand one's own identity of nature and how the dynamics of images are images that capture individual thought, emotion and action. For the development of this research,

¹ Possui MBA Identidade Empresarial (AMF), Graduado em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Administração (AMF). Professor (AMF). E-mail: gustavo-fronza@hotmail.com.

² Graduando em Ontopsicologia (AMF). Atua em projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: brenopradosilva@gmail.com.

³ Pós-Doutoranda em Informática em Saúde e Doutora em Psicologia (UFSC), Mestre em Psicologia (UFPR), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico (AMF), Especialista em Psicologia Positiva, Ciência do Bem-Estar e Autorrealização (PUCRS), Especialista em Educação Transformadora: Pedagogia, Fundamentos e Práticas (PUCRS), Graduada em Musicoterapia (FAP). Professora e coordenadora de projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: patriciawazla@gmail.com.

⁴ Pós-Doutorando em Psicologia (UFU), Doutor em Administração (UFSM), Mestre em Comunicação Midiática (UFSM), Especialista em Gestão de Negócios (UNICID), Especialista em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo/Rússia), Graduado em Ontopsicologia (AMF), Graduado em Jornalismo (UFSC). Professor e coordenador de projetos interdisciplinares de pesquisa em Ontopsicologia (AMF). E-mail: coordfoil@faculdadeam.edu.br.

bibliographical reviews were used, in works primarily by Academic Professor Antonio Meneghetti, in addition to containing contributions from different authors who researched the topic. To this end, descriptive-exploratory research was used, using a qualitative method using bibliographical research on the topic. From the analysis of the information collected, it was possible to understand that there is an influence of images on the individual, understanding their importance, impact and dynamics. The importance of its verification is therefore highlighted, and some technical passages are given to identify which images are the meaning of life.

Keywords: image; information; historical autoctosis; lifestyle; Ontopsicologia.

¿Qué imagen es el sentido de la vida? Estudio teórico sobre la relación entre imágenes, información y estilo de vida desde una perspectiva onpsicológica

Resumen: El ser humano vive en un universo informacional, mientras informa también está informado. Sin embargo, debes encontrar un criterio de valor para que puedas seleccionar, entre un número infinito de imágenes, cuál puede darte un significado justo en la conducción de tu propia existencia. De esta manera, el presente trabajo pretende dilucidar la importancia de comprender las imágenes, verificando si generan influencia en la vida cotidiana de los seres humanos, destacando cómo las dinámicas de las imágenes amplían la propia identidad de la naturaleza y cómo las dinámicas de las imágenes son imágenes que capturan el pensamiento, la emoción y la acción individuales. Para el desarrollo de esta investigación se utilizaron revisiones bibliográficas, en trabajos principalmente del profesor académico Antonio Meneghetti, además de contener aportes de diferentes autores que investigaron el tema. Para ello se utilizó una investigación descriptiva-exploratoria, mediante un método cualitativo utilizando investigación bibliográfica sobre el tema. A partir del análisis de la información recolectada se pudo comprender que existe influencia de las imágenes en el individuo, entendiendo su importancia, impacto y dinámica. Se destaca entonces la importancia de su verificación y se dan algunos pasajes técnicos para identificar qué imágenes son el sentido de la vida.

Palabras clave: imagen; información; autoctosis histórica; estilo de vida; Ontopsicología.

1 Introdução

Quando se fala de imagem, logo se pensa naquela imagem visiva por meio de fotos, filmes, fantasia etc., porém, “imagem” vai muito além desse conceito. A imagem⁵ que esta pesquisa aborda é aquela que se entende como estruturação a uma energia⁶, isto é, uma forma⁷ que contém uma direção, uma intenção. Sartre (2019), nesse sentido, corrobora que toda imagem reflete uma relação entre quem visualiza a imagem e quem a emite ou é refletido por ela. Para ele, toda imagem reflete ou revela uma intenção: por meio dela, alcança-se ou toca-se um objeto específico, uma realidade específica.

5 “A imagem é informação e isto é organização da energia” (Meneghetti, 2006, p. 266)

6 “Capacidade de efetuar” (Meneghetti, 2021b, p. 101).

7 “Desenho intrínseco à coisa, que a configura e a faz ser daquele modo e não de outro” (Meneghetti, 2021b, p. 126).

Visando o desenvolvimento e a realização integral do ser humano, com várias categorias de imagens que envolvem o cotidiano, faz-se necessário identificar a influência das imagens, distinguindo aquelas que são direção de vida daquelas que fixam o pensamento, a emoção e a ação humanas em situação não vital. O que se propõe é que esta verificação seja um critério para a contínua verificação do próprio devir existencial.

Caso não compreenda a influência que sofre das imagens, o homem fica à mercê das informações que elas portam, o que constata-se resultar em alguns momentos de evolução, mas em uma maioria de regressão (Meneghetti, 2022). Comumente isso acontece porque não se sabe a importância da compreensão da influência das imagens, não sabendo-se, também, distinguir aquelas que são direção de vida daquelas que fixam um comportamento no sujeito.

Assim, nesta pesquisa, tem-se como objetivo elucidar a importância da compreensão das imagens, verificando se elas geram influência na vida cotidiana do ser humano, destacando como são as dinâmicas das imagens que expandem a própria identidade de natureza e como são as dinâmicas das imagens que fixam o pensamento, a emoção e a ação individual. Como objetivos específicos, adotou-se: (a) descrever o que é imagem na visão ontopsicológica; (b) evidenciar a distinção entre imagem ôntica e imagem memética; e (c) analisar a importância de um estilo de vida em que as imagens sejam usadas como contribuição para a manutenção do contato com o próprio Em Si ôntico e sua realização. Assim será possível distinguir, em meio a tantas informações colhidas em um ambiente, quais podem ser usadas como benefício e reforço do próprio projeto de natureza⁸.

Ademais, esta pesquisa se justifica pela dificuldade constatada no processo da realização de escolhas funcionais pelos indivíduos para si próprios. Ao final, espera-se que cada um tenha mais clareza para viver o próprio projeto de natureza, distinguindo as imagens que ajudam-no daquelas que obstam-no, e usando-as ao próprio favor. Portanto, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como as imagens impactam no estilo de vida do ser humano?

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas revisões bibliográficas, em obras primariamente do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, além de conter contribuições de autores diversos, na área da Ontopsicologia e áreas afins, que pesquisaram sobre o tema.

⁸ Lógica existencial pelo qual uma pessoa já nasce com uma tensão para se seguir este projeto dado pela vida a consequência é a autorrealização.

Esta classifica-se como pesquisa descritivo-exploratória, pois a partir da análise teórica bibliográfica foi possível explorar mais o tema da significância das imagens no estilo de vida individual. Ela se inicia pela definição do que é imagem, seguindo para especificações técnicas e aprofundamentos teóricos, concluindo-se com a síntese de uma possível via de solução para o problema de pesquisa.

2 A imagem na visão ontopsicológica

Para Meneghetti (2022), o aprofundamento neste tema é tão importante que ele o posiciona como a quarta descoberta da Ontopsicologia: “a grande contribuição que a ciência ontopsicológica trouxe reside nas suas descobertas científicas: do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão na psique humana, e a imagem alfabeto da energia” (Meneghetti, 2022, p. 15). Assim, nesta seção da pesquisa serão destacadas as principais elucidações do que é a imagem para a Ontopsicologia e como ela impacta e afeta o ser humano, abordando este como enfoque principal.

2.1 Processualidade imagética no ser humano

Segundo Meneghetti (2006, p. 25), “quem possui o conhecimento das imagens, tem o poder da energia”. Quer dizer que ser capaz de reconhecer a realidade de uma imagem é também saber o movimento da energia/matéria⁹, como

⁹ Sobre a relação e natureza física de energia e matéria, sugere-se consultar: OLIVEIRA, P. M. C. Energia e Matéria: Da Fundamentação Conceitual às Aplicações Tecnológicas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/6p6wnf7gWSc7fPXvm6khVrq/?lang=pt>. Acesso

ela se direciona e, portanto, adentrar na possibilidade de controle das dinâmicas da vida. Descrito por Meneghetti (2013a, p. 236), “a imagem (= aquilo que me age ou age em mim) é o meio instrumental ou mediânico entre o projeto específico da intencionalidade mental (ou formalização do ato) e o projeto executivo *ad extra*”. Para Vidor,

É necessário saber o que a imagem de um sonho ou da fantasia faz ou fará, se pretendemos conduzir a própria existência em vantagem da vida. A alma transcreve sua fórmula de ação através de imagens e se a imagem não é identificada em sua intenção, em seu endereço, ela constrói os comportamentos, os eventuais erros e males. Se não recuperamos a leitura das imagens que conduzem nosso viver, não saberemos variar e controlar os eventos determinados pelas imagens. Estas são simplesmente ordens volitivas da energia psíquica. A imagem condiciona e manipula todo o real que acontece (Vidor, 2014, p. 45).

Assim, pode-se ressaltar que a imagem está intrinsecamente ligada ao modo como se direciona a própria vida, seja para a falência ou então para o êxito, como apontam também Trillo e Chikota (2022). Assim, preocupa o fato de que os eventos da existência comumente não sejam atos voluntários que beneficiem a vida do indivíduo. Isso porque, com a interferência inconsciente de imagens que fixam a sua ação, o sujeito acaba condicionado, a não ser que encontre e mantenha o seu ponto de conexão com a vida. Por isso, é preciso colher a imagem que dá o ponto da situação (Meneghetti, 2022; 2015a). Ou seja, tomar consciência da imagem que reflète o real atual de si mesmo.

Para Meneghetti, a natureza da imagem existe em cinco níveis:

1) A primeira imagem sensório-visiva é repetição primitiva: o espelho. Aquilo que vemos é totalmente reduzido em imagem. Neste plano de imagem, dá-se o mundo da repetição projetiva sensorial.

2) A imagem reflexiva é aquela que é metabolizada no nosso cérebro e depois é refletida, portanto, é uma imagem introflexa, psicológica.

3) Um terceiro tipo de imagem é aquele do campo inconsciente, da fantasia, da realidade onírica e do mundo da arte. O inconsciente não gera as imagens, sofre-as. São as imagens passivas, aquelas que articulam o sujeito em consequências preestabelecidas pelo voluntarismo ingênuo do sujeito, quando a situação energética era disponibilidade. O inconsciente é uma parte de vida subtraída do controle do Eu, porém tem a mesma realidade de uma mão que se move, faz parte do habitual genérico de todas as outras funções.

4) Temos as imagens metafísicas, de percepção transcendental, das últimas intuições da filosofia, da ciência, onde se entra na pesquisa última das causas. Esse pensamento poderia ser do mesmo modo influenciado, seja pelo inconsciente, seja pelo real externo, seja pelos arquétipos do inconsciente coletivo ou por subculturas de arqueologia da mente. Por exemplo, quando se faz psicoterapia, opera-se apenas no terceiro nível. No quarto nível estamos já sobre a sublimação, sobre as sínteses últimas, sobre algo de enormemente avançado. Esse quarto elemento é uma forma de conscientização no nível do gênio, o qual com poucos elementos, com uma simplicidade de base, consegue concluir qualquer variável, o que significa que tem a causa que traz as outras causas. Neste nível, encontram-se os módulos elementares da intuição.

5) Dei-me conta que qualquer precipitado matérico é condicionado exclusivamente por imagens que não são ainda humanas, são anteriores ao humano. Trata-se de colher um alfabeto que preside os processos de alfabetização de todo o nosso sistema lógico e que formaliza também a nossa individuação, a nossa constante H. A prova disso é que quando se entra neste alfabeto, pode-se mudar o real, constroem-se relações, estruturas que serão história, para além da compreensão daqueles que deverão impactar-se conosco (Meneghetti, 2006, p. 15).

O autor ainda destaca haver a possibilidade de controlar a imagem nos primeiros três níveis; sem exercer controle sobre a imagem, os seus efeitos serão inexoráveis no sujeito (Meneghetti, 2006). Por isso, estar atento às imagens é estar apto a identificar a direção de si ou de um outro, podendo decidir se continuar andando ou se recalculando a rota, ou seja, se manter ou se mudar a situação na qual se está inserido. Neste ponto, corroboram Trillo e Chikota (2022), Silveira e Miranda (2022), Martins (2017), Weber e Ferreira (2017). Para Meneghetti, “quem consegue vigiar as próprias imagens nos primeiros três níveis, tem o poder científico sobre a própria vida...” (2006, p. 16-17) e, por isso, é preciso ter sempre uma consciência limpa, na qual exista ordem de pensamentos.

2.2 Criatividade ou esquizofrenia

Na ciência ontopsicológica, entende-se que o homem possui duas dinâmicas. A primeira constitui-se da ligação entre Em Si ôntico, Eu a priori e Eu lógico-histórico (conjunto nomeado *triade do devir*) e denomina-se como *saúde para a criatividade*, enquanto a segunda é constituída por monitor de deflexão, complexos, estereótipos e matriz reflexa, e é denominada *esquizofrenia existencial* (Meneghetti, 2022). Na primeira dinâmica o ser humano está em contato direto com a capacidade de evolução constante, enquanto materializador das informações ou intencionalidade do seu Em Si ôntico. Na segunda dinâmica ele encontra-se cindido da formação-vida do seu Em Si ôntico – daí o termo *esquizofrenia*, significando *mente dividida*.

Meneghetti (2022) enfatiza que a dinâmica via à criatividade é necessária para que o indi-

víduo realize-se na existência. Nela, há a coincidência da imagem entre Em Si, Eu a priori e Eu lógico-histórico, consistindo no fazer que aumenta a identidade individual. Clarificando, o homem faz dialética com o mundo a partir do seu Em Si, que “primeiro radicaliza uma forma, cujo resultado define-se Eu a priori; sucessivamente, esse é mediado à consciência” (Meneghetti, 2003a, p. 105). Depois, é o Eu que se investe daquela imagem e atua, concretiza aquela intenção.

Por outro lado, a esquizofrenia existencial e, em decorrência, a frustração, origina-se do constante erro induzido pela interferência do monitor de deflexão na práxis decisional do sujeito. Não existe a conexão com a vida, mas com as imagens fixadas no interior do sujeito por ação deste mecanismo. A reproporção das imagens pelas memórias é um grande problema, por mais que elas sejam também importantes para cada um poder sintetizar muitas informações em determinado ambiente, facilitando a auto-construção de si mesmo; é pela memória que o monitor de deflexão pode interferir (Meneghetti, 2013a).

Meneghetti (2013a) afirma que existem escolhas que o ser humano faz que fortalecem a sua estrutura natural, que são funcionais para a realiação do seu Em Si ôntico. Assim, sintetiza o conhecimento em algumas imagens, deixando de lado outras. É uma economia da natureza. No entanto, o monitor de deflexão “forçou algumas seleções em virtude dessa predisposição nativa no homem e absolutizou na memória somente um certo tipo de experiências” (Meneghetti, 2013a, p. 52).

Mas a questão volta-se para a consciência, no modo em que ela estrutura os fatos: “a memória

nasce da experiência, do impacto, mas depois é registrada, fixada segundo a cultura, o código ético do sujeito, naquele momento” (Meneghetti, 2014, p. 229). Diante disso, a dinâmica de esquizofrenia existencial contém uma movimentação inconsciente que vai utilizando-se dessas imagens de memória para manipular as ações do indivíduo.

Inclusive, agem os estereótipos com a repetição de hábitos que nem sempre são funcionais para a individualidade histórica, “o removido”¹⁰ escreve, clona o sujeito. Os complexos são memórias fixas; o monitor de deflexão, ativando constantemente duas/três memórias, mimetiza, regulariza para o próprio escopo a cobaia humana (ibid.).

Corroborando Trillo e Chikota (2022), as imagens advindas do Em Si ôntico são desviadas e substituídas por aquelas cindidas do próprio real. Contudo, identificando-se quais são sentido de vida e quais não, pode-se selecionar e prosseguir com aquelas vitais.

2.3 Imagem ôntica e imagem memética

Inevitavelmente, um ser humano interage e impacta inúmeras informações durante a sua vida. “O valor de uma informação, de uma imagem, é vital e agradável se é *reversível*: esta nós a chamamos informação, imagem ôntica. É reversível porque aquela imagem dá realidade, e realidade dá aquela imagem” (Meneghetti, 2003b, p. 45, grifo do autor, tradução nossa). Nem sempre se sabe a diferença das imagens ônticas para as imagens meméticas, porque essas últimas agem de tal modo a serem vis-

tas como salutares para o sujeito enquanto, na verdade, elas camuflam-se e impregnam-se no interior do homem como um vírus mental ou informacional. É importante saber que há essas duas modalidades de imagens e que comumente a memética¹¹ é a que toma frente.

Quanto a estas duas modalidades de informação, é preciso distinguir qual é de natureza e qual não o é (Meneghetti, 2022; Silveira; Miranda, 2022; Trillo; Chikota, 2022). Caso se opte por não dar atenção a esse tema, a consequência é a passividade perante as imagens. No momento em que um homem está em coerência às imagens ônticas, é um operador da intencionalidade do seu Em Si e está bem, evolui, realiza-se. Do contrário, age mecanicamente com as imagens obsessivas, decaindo-se sua vitalidade e potência. Permanece a relevância do aprendizado minucioso de distinção das imagens com o fim de tornar-se um comandante na condução da própria vida (Trillo; Chikota, 2022; Meneghetti, 2013a).

Para Meneghetti (2019b), não é o caso de tolar-se o meme, de usar um “escudo medieval” toda vez que se sair da própria casa mas, sim, de compreender como a sociedade move-se com essas imagens fixas e saber como articular melhor as posições do jogo para que se tenha o meme¹² como um instrumento em seu favor e não contra. “Um homem verdadeiro observa as leis do Estado no qual encontra-se, mas sabe perfeitamente que tudo é um modo, [...] é uma necessidade mêmica, não é um intrínseco da alma” (ibid.).

11 “Imitação elaborada sem referência a um concreto gênico; é uma imagem com um fim em si mesma” (Meneghetti, 2021b, p. 170).

12 “Formal informacional agregado, programado” (ibid.).

10 “Deslocamento de atividade psíquica da compreensão consciente e sua permanência em autonomia inconsciente” (Meneghetti, 2021b, p. 243).

No primeiro momento, falando das imagens ônticas, elas direcionam somente o ponto de acerto, de êxito, pelo aumento da identidade: é um condizente que solicita atenção. Nisso há vida, é um evento de mais ser. Assim é o “[...] Em Si ôntico, o qual formaliza as suas ‘espécies expressas’: imagens que fazem e conduzem a realidade em conformidade à identidade elementar do Em Si ôntico” (Meneghetti, 2002, p. 26).

Contrariando as informações ônticas, as informações não originárias da vida encontram em si mesmas um reforço de contínua atuação no interior de cada indivíduo. Desde muito cedo, estrutura-se com específicas imagens o modo de se comportar dos seres humanos perante tudo. “*O limite dispara pela estereotipia das imagens mentais conscientes ou inconscientes do sujeito*” (Meneghetti, 2018a, p. 39, grifo do autor). A partir da sociedade, que primeiro é a família, a criança aprende a ver o mundo e descobre que, para sobreviver, deve agir com determinadas impositões, as quais geralmente se tornam fixas.

A criança aprende desde pequena a uniformar-se a essa mêmica societária imposta na família, adapta-se aos esquemas externos, sofre o parasitismo violento do meme social por meio do qual é alfabetizada e adapta-se a esse esquema fechado. Aprende o meme e perde a informação ôntica. O Eu lógico-histórico é estruturado pelo conjunto da memética social; por isso, quando adultos, para recuperar a nós mesmos, devemos distinguir as informações ônticas das informações meméticas (Meneghetti, 2019a, p. 15).

O meme acopla-se ao organismo e parasita a vitalidade do sujeito, sendo um manipulador de pensamentos, emoções, vontades e ações. “Na realidade, a operatividade memética está basea-

da no *confisco energético em função da própria identidade [...]*” (Meneghetti, 2021a, p. 262, grifo do autor). Assim, o meme constringe as pessoas a selecionarem as situações conforme a imagem pré-fixada. Vai-se, então, em perda de si mesmo, do próprio caminho, autossabotando-se, diminuindo a inteligência eficaz de sucesso.

Conforme Meneghetti (2002), esses comportamentos deformam a imagem do homem em relação ao seu real. Não participam do projeto elementar orgânico e transferem uma informação que, como não se baseia na verdade do sujeito, tangenciam-no em uma frustração. “*O pior inimigo é a imagem de nós mesmos: em qualquer que seja o modo em que nós a paramos, ali bloqueamos também nossa força*” (Meneghetti, 2005c, p. 113, grifo do autor). Para o autor, o comportamento que está baseado na posição anti-vida acarreta para o biológico humano:

- uma situação atrofica de memórias únicas e não polivalentes;
- uma diminuição do tônus da vida;
- uma redução do ‘poder de aquisição’ do sujeito;
- uma diminuição do poder territorial;
- uma diminuição da capacidade de estar no passado e no futuro como ato de presença.

As informações de criação permanecerão continuamente sendo sinalizadas no indivíduo, mesmo que ele não as perceba (Meneghetti, 2022; 2015; Silveira; Miranda, 2022). Aquelas que refletem um programa com fim em si mesmo também estarão presentes e, pelo seu grau de repetição, é mais fácil tornarem-se prioritárias. De todo modo, com aquelas características acima elencadas, pode-se começar a identificar

e distinguir as informações recebidas.

Com a Ontopsicologia é possível individualizar quando uma imagem ou informação é positiva ou negativa no próprio contexto. Basta constatar no fim o resultado que aquele composto energético faz em si mesmo: se pode ver que lhe aumenta, lhe traz mais realização, vontade de tornar-se, então é uma imagem ôntica (útil e funcional a sua identidade histórica); em oposição, se lhe coloca em dúvida, incapacidade de ação, diminuição de potência, então é imagem memética. Neste sentido, encaminhar um processo de autoconhecimento e recuperação do contato com o cérebro viscerotônico é fundamental (Meneghetti, 2003b, p. 108-109, tradução nossa).

Com este critério, o qual será abordado a seguir, o homem é capaz de prosseguir com mais assertividade na realização do próprio Em Si ôntico.

2.4 O corpo como radar: campo semântico e critério organísmico

Antes de adentrar no argumento do processo perceptivo-cognitivo faz-se necessário abordar sobre outra descoberta da Ontopsicologia: o campo semântico¹³. O campo semântico teve sua descoberta a partir da clínica exercida pelo autor, o qual relata que, enquanto atendia seus clientes, havia, por vezes, momentos nos quais tentava introspectar o cliente e irrompiam distrações que não eram condizentes com o falado pelo outro. Optou por trabalhar as variações imagéticas como algo concreto e evidenciou que aquilo, na verdade, possibilitava alcançar

13 “Por campo semântico entende-se impulso com escopo, através dos quais é possível saber as intenções totais de natureza – conscientes ou inconscientes – do sujeito. Através do campo semântico, fala exclusivamente o fato da natureza, a ação da vida, mesmo que o sujeito não saiba” (Meneghetti, 2005b, p. 27).

o cliente de modo mais real e profundo (Meneghetti, 2015a).

Quando era dada uma imagem, revelava-se para onde movia-se a energia psíquica do cliente, pois “a energia se formaliza nas imagens” (ibid.). Meneghetti considera a imagem como “símbolo que a energia usa no interior de si mesma para fazer diversos deslocamentos, para fazer qualquer variável” (ibid.). E o campo semântico é todo o universo informacional que engloba a energia e faz essas passagens informáticas entre os seres e/ou objetos.

O campo semântico é um transdutor informático, ou seja, ele age sem deslocar energia, mas “transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoenergética orgânica” (Meneghetti, 2022, p. 199). Conforme Neu e Machado (2020a, p. 18-37), o campo semântico, “seria, noutras palavras, um deslocar intencional-psycoenergético de uma individuação a outra. Este outro, enquanto receptor, recebe esta pulsão emitida pela intencionalidade do emissor, consciente ou não, metabolizando-a”.

De modo mais específico, Meneghetti (2020b) descreve o funcionamento do corpo enquanto radar do campo semântico do seguinte modo:

Os neurônios específicos do plexo mioentérico e submucoso sintetizam e transmitem sinais que dão a posição organísmica do sujeito (perigo, segurança, lesão, erotismo, fome, vampirismo, graça, infecção etc.), que o aparato visceral se formava – durante a vida fetal – antes do cérebro ‘superior’ e que nós conservamos por toda a vida esse cérebro viscerotônico, que é o radar de recepção e transmissão do campo semântico. Esse cérebro viscerotônico é livre

e age em conformidade às leis-base da natureza (Meneghetti, 2020b, p. 121).

As informações do campo semântico podem ser percebidas por sensações tanto viscerotônicas¹⁴ como cerebrotônicas, mas, primeiro, deve-se retomar a condição de ausculta organísmica (atitude de se colocar atento às variações internas do corpo) e revisão da própria consciência para compreender o real motivante externo. Meneghetti entende que “a realidade somática do outro me atinge com variações neuro-viscerais ou imaginativo-emocionais” (2005c, p. 370). Essas dinâmicas ambientais fazem presença e estruturam a energia do sujeito e, se ele tiver consciência da percepção elementar, poderá colher sua posição específica (Meneghetti, 2022).

Através do conhecimento organísmico, nós podemos conhecer o campo semântico da vida, isto é, podemos saber qual ação a natureza está realizando dentro de nós. Naturalmente, antes de alcançar esse conhecimento, é preciso estar já em posse de dois elementos fundamentais: *um organismo e uma vida exatos* (Meneghetti, 2005b, p. 65).

O ser humano pode acessar as informações externas e também internas do mundo que o cerca por meio dos sentidos básicos: visão, audição, tato, paladar e olfato. Estes, em Ontopsicologia, são acrescidos ainda de outro elemento, a intuição, utilizada no interior das três descobertas, sendo assim acretivos ao método indutivo-dedutivo (Meneghetti, 2022).

O problema da percepção do real está no fato de os indivíduos estruturarem seus julgamentos

14 Enquanto diz respeito ao cérebro visceral: “complexo de ações e reações determinadas por sinapses neurônicas alojadas no aparato intestinal” (Meneghetti, 2021b, p. 52).

acerca de algo utilizando apenas os cinco sentidos básicos, ou ainda, por apenas alguns deles. Assim, a sua percepção e conseqüente concepção da realidade são afetadas. Isso não ocorre somente porque todos os sentidos não foram utilizados corretamente, mas também porque o ser humano foi constituído com base em padrões culturais desde a sua infância. Estes, chamados por Meneghetti (2022) de estereótipos, são modelos fixos de comportamento que deixam uma pessoa pré-disposta a ter determinada concepção ou reação para algo.

Em suma, o corpo humano funciona como uma espécie de radar das interações ambientais e possui um processo muito específico de percepção desses dados (Silva, 2022; Silveira; Miranda, 2022; Sperotto; Barbieri; Boer, 2022; Neu; Machado, 2020; Ferraz, 2019; Vicentini, 2019). Também no campo médico da neurociência, Haynes e Rees (2005) constataram que, mesmo que o sujeito não perceba ou não veja uma imagem, se ele é exposto a ela, seu corpo é concretamente impactado por ela. Para Meneghetti, “todo o corpo é um sistema altamente organizado de informações. Informa e é informado. Tudo o que existe é contemporaneamente também comunicação” (2006, p. 165). No corpo se assinalam os vários tipos de intencionalidade¹⁵, percebe-se o movimento e sentido de uma ação a partir de “diretas projeções que constituem as representações síncronas ou imagens especulares” (Meneghetti, 2021b, p. 148).

É preciso tê-lo sadio, com os órgãos funcionando em unicidade, porque este é um ins-

15 “Intencionalidade é volição a. É vetor ordenado para um motivo preciso. É ação que tende de um dentro a um outro dentro. É uma ação que, quando se desloca, vai do íntimo da ação de partida a uma outra receptora no próprio dentro” (Meneghetti, 2004, p. 131).

trumento de conhecimento do real. Sempre deve-se estar atento, pois no impacto de uma relação, se sentir-se um bem-estar, significa que ela é vital; do contrário, se existe um aspecto de frio e repulsão, ela não é vital e deve-se afastar-se dessa relação para que não haja diminuição da própria funcionalidade histórica (Meneghetti, 2022).

2.5 O sonho e a relação simbólica

Um dos instrumentos de análise/diagnose utilizados pela Ontopsicologia é a interpretação dos sonhos. A noite é um momento importante em que o inconsciente trabalha ativamente, comunicando-se de uma maneira mais clara, sem a presença de um Eu em vigília e censurante. No sonho se dá a radiografia da situação global do sujeito e como ele está conduzindo a própria existência (Silva, 2022; Martins, 2017; Meneghetti, 2020b).

Todos os organogramas do nosso organismo são precedidos por imagens e fórmulas. Quando examino um sonho, colho o organograma que o inconsciente ou o complexo – portanto, uma zona não prevista pelo Eu lógico, formal, consciente – fixou e preestabeleceu (Meneghetti, 2006, p. 14).

“O sonho dá uma imagem, e a partir dela se sabe toda a realidade de um sujeito, não somente a respeito da vontade, da situação concreta, [...] mas também no que diz respeito àquilo que fez” (Meneghetti, 2018a, p. 47). É preciso sempre retornar às imagens do inconsciente, buscar aquela que é dominante, isto é, aquela que é a principal consteladora da dinâmica do sujeito a cada momento. Ela dá o ponto de vantagem ou desvantagem que o indivíduo está operan-

do (Meneghetti, 2022; Martins, 2017). O sonho fornece ao sonhador a sua situação atual, o porquê dela e qual passagem de solução ou direcionamento deve tomar (Meneghetti, 2022; 2006; Martins, 2017). O sonho é um mapa que a natureza fornece em virtude de indicar o formal de uma ação, a arquitetura dinâmica em que se está coligado.

Heráclito já expunha há muito tempo sua célebre frase de que tudo flui, a qual carrega o significado de que a vida é movimento. Ou seja, é preciso verificar de que modo se está se movimentando, em qual direção, caso se pretenda ser um agente da realidade vital do homem. “À vida é impossível a estagnação. Há um curso contínuo que auto-plasma, auto-transforma [...]” (Meneghetti, 2006, p. 63). Ou o ser humano está em um processo de avanço ou de regresso, rigorosamente falando. Isso não se configura apenas em uma situação que se entende como grandiosa, mas em todos os detalhes que englobam o cotidiano, pois, por meio de muitas pequenas decisões acertadas, chega-se a uma grande realização.

Todo sonho apresenta-se, ainda, com pelo menos um de quatro níveis de hierarquia: o sonho (1) “...indica a situação orgânica do sonhador, a sua integridade físico-biológica...”; (2) “...depois de si mesmo, analisa as referências afetivas e de segurança do sujeito (o marido, a esposa, os filhos, a mãe, o pai, os irmãos, os avós, a amiga, o motorista), ou seja, as pessoas fisicamente mais ligadas a ele...”; (3) põe as pessoas nas quais o sujeito confia no trabalho e no estudo...”; (4) analisa a esfera social, dos negócios, da economia, da política etc. (2020b, p. 131-132).

O Em Si informa continuamente através dos

sonhos como o sujeito está se movimentando nas situações, qual o ponto que o desvia do seu melhor a cada dia. Mesmo que ele, de modo consciente, pense estar correto, existem passagens que apenas o inconsciente colhe e depois informa, por meio da linguagem onírica. É preciso aprender a ler esses sinais¹⁶. Para Vidor (2014),

As informações dinâmicas de comunicação, quando não colhidas no momento da ação, estruturam-se em símbolos produzidos, no receptor, pela causa de origem. Entre os símbolos, o mais importante apresenta-se na configuração de “sonhos”. Os sonhos relatam intenções regressivas ou progressivas da vida (Vidor, 2014, p. 66).

Ou seja, cada símbolo é um sinal, refletindo um movimento concreto. Nesse sentido, há símbolos que retratam aspectos da natureza, outros que retratam aspectos analógicos e, ainda, aqueles convencionados que, por sua repetição, são operadores dentro do indivíduo e, assim, reconhecidos. O que se deve levar em conta quanto aos símbolos é o critério do utilitarismo biológico e funcional à identidade do sonhador (Meneghetti, 2022).

O que, de fato, representa aquilo para a vida do ser humano? Isso precisa ser indagado ao analisar precisamente um símbolo, com seus três critérios elementares: (a) efetividade funcional para o sujeito, (b) natureza causal do símbolo, (c) critério semântico. Além disso, segundo Meneghetti (2006, p. 96), “a simbologia do mundo onírico ou imagógico tende a derivar de quatro formas prioritárias que determinam no homem o simbolismo”:

16 “Traço, projeção, aparência de coisa, ação, ser. Palavra ou imagem de intencionalidade” (Meneghetti, 2021b, p. 255).

1) Daquilo que podemos considerar a realidade social em geral (família, trabalho, religiões, amigos etc.). 2) De uma visualização dos nossos próprios instintos. 3) De tudo aquilo que pode ser a impressão sofrida de semânticas compulsivas do externo (de alguma pessoa, de um grupo ou ambiente). 4) As grandes pulsões meta-históricas da humanidade: um vidente, um santo, um histérico, podem ter percepções de grandes eventos, o mover-se de eventos ou forças que nós chamamos destino da humanidade, as grandes transformações, como no mar onde existem as grandes ondas, mas depois, existem as correntes profundas (ibid.).

Portanto, mesmo enquanto o ser humano dorme, as imagens estão agindo na sua subjetividade. Se estão sendo mostradas pelo inconsciente daquela pessoa, é porque, de algum modo, dizem respeito a ela. É da realidade que se vive aquilo que se mostra nos seus sonhos (Meneghetti, 2022; Silva, 2022; Martins, 2017).

Em suma, essa é uma linguagem que deve ser utilizada como instrumento de compreensão das determinantes situações diárias que uma pessoa vive. Ela dá uma radiografia exata de qual atitude pode ser funcional ou disfuncional para a integridade da identidade existencial do indivíduo.

2.6 A sutil, mas forte influência imagética no cotidiano

Levando-o em conta ou não, existe um universo que a todo instante impacta o ser humano por infinitas informações, como, por exemplo, por meio de notícias, filmes, religião, músicas, conversas, propagandas, artes, ideias, internet etc. E, com distinta força, atualmente a internet faz girar a informação no mundo em uma velocidade altíssima e com um alcance praticamente

te imensurável.

A era da globalização faz isso, aproxima o que, fisicamente, está longe. A vida cotidiana possui atributos que, se verificados a fundo, talvez não sejam necessários para a vida em si, mas acabam entrando sorrateiramente no inconsciente do passivo telespectador, que metaboliza aquela informação e a toma como algo próprio.

Muitos são os símbolos, as imagens, os códigos que povoam o contato com nossa intencionalidade com nosso mundo íntimo: lendo jornal de um certo modo, assistindo televisão de um determinado. Isto é, na ocasião de todas as grandes instituições que pretendem organizar e formar massa, toda vez que um sujeito se coloca dentro – ou abaixo – do que lê, do que vê, consequentemente sofre uma informação (Meneghetti, 2005c, p. 104).

São milhares, talvez milhões de informações. O problema é que a maior parte das informações que circulam são aquelas mêmicas, produzidas por sujeitos que não estão em contato com o real e, por isso, são cindidas da vida. Pode-se dizer que também sejam responsáveis na condução da população por mentes que sabem utilizá-las para manobrar seus próprios interesses. “A riqueza [...] é detida, gerida e condicionada em prevalência da *circulação da informação*” (Meneghetti, 2019b, p. 32).

Cada homem é, de qualquer modo, conforme as imagens que procura e escolhe e, além disso, dentro das imagens que circulam, os blogs que se leem etc., não existe um ‘Buda’ que elabora os textos, as fotos etc., é a maioria da massa que escreve tudo o que é a internet, os jovens que começam, mas que não possuem uma cultura profunda e global da situação sobre a qual falam (Meneghetti, 2019bc, p. 101-102).

O mercado se transforma conforme quem é mais inteligente no utilizar as imagens mêmicas, pois é um sistema e a lógica do dinheiro está ínsita nele. Por mais que uma empresa produza excelentes produtos que irão beneficiar o ser humano, se ela não estiver atenta ao jogo do sistema, ao jogo do consumo, logo será sucumbida por outra que o faça. Basta observar um jornal noticiando um fato sobre uma empresa: caso ela tenha ajudado, por exemplo, uma comunidade com cursos gratuitos de qualificação profissional etc., terá um algum destaque nas mídias, mas, caso a mesma empresa esteja sendo acusada de um possível envolvimento ilícito na candidatura de um prefeito, será massacrada pela mesma mídia.

Portanto, há uma hierarquia da informação que vende mais jornal, que gera mais repercussão, mais interesse nas pessoas, que movimenta mais a economia. Esta é a segunda categoria de informação mencionada anteriormente: o meme. Em consequência dessa influência, rapidamente gera-se uma espécie de agitação em massa, uma comoção que dura certo lapso de tempo e muda porque logo chega uma outra que, quando chega, é mais forte.

É preciso dar-se conta que todas as próprias “credenciais” são um telejornal errado. Os próprios absolutos, as próprias convicções, estão baseadas em um falso telejornal. Segue-se porque todos escutam o idêntico telejornal, isto é, todos estão sincronizados pela idêntica máquina fabricante de imagens meméticas, e em longo prazo prevalece a imagem mais forte sobre as outras (Meneghetti, 2018a, p. 103).

As grandes mídias usam disso para manipular a população com base nos seus próprios interesses, com frequência, de cunho econômico e de poder, não de vitalidade. Além desse

objetivo, é notória outra questão: aqueles que escrevem, que falam, que cantam, quem são? Eles impostam critérios a serem seguidos, mas fora da base da realidade. Quem ou o que é o critério para quem imposta um critério? “Quando se faz uma ciência, uma demonstração, uma cura, é necessário um critério: um princípio que legitima o discurso de toda a teoria e relativa demonstração (a funcionalidade do critério)” (Meneghetti, 2004, p. 241).

Porém, produz-se arte, músicas, filmes, notícias, propagandas, enfim, imagens como projeção da própria esquizofrenia existencial. Meneghetti adverte que:

A maioria das obras, assim chamadas artísticas, do nosso tempo é propriamente semântica de doença esquizofrênia e agressividade. É preciso estar atento a como o inconsciente do humano, seja da criança que do adulto, metaboliza aquele signo, aquele quadro, aquela cor. [...] São imagens que semantizam desvios no comportamento centrado do humano. Também muitas músicas que são compostas e escritas hoje, uma vez introduzidas nos nossos sistemas límbicos cerebrais, não apenas alteram específicos neurônicos acústicos, mas até os destroem. Esse tipo de música comporta uma alteração na conduta psicológica dos sujeitos altamente sensíveis (Meneghetti, 2003a, p. 63-64).

E mesmo diante dessa situação, sofre-se o impacto das imagens cotidianas sem a responsabilidade de verificar se aconteceu uma variação de emoção, de pensamento posterior àquele contato. Porque aquela estrutura é uma informação que possui uma mensagem assinalada por uma intenção que irá mover, de alguma forma, o fruidor no seu íntimo. “Isso ocorre continuamente, vive-se na realidade de tantas coisas, entra-se em contato com uma informação qualquer e se permanece de algum modo por

ela impressionado” (Meneghetti, 2006, p. 76).

Por isso, tem-se saúde ou patologia por meio daquilo que se metaboliza. Para Meneghetti (2015b, p. 71), “tudo aquilo que nos opera é imagem [...]”. As imagens funcionam como ativadores de referências contextuais anteriores para situações atuais como do traçado mnésico¹⁷ que “ativada provoca emoções, atenções e sensações ao vazio” (ibid.).

Essas imagens caminham sutilmente no dia a dia das informações, mas podem causar grandes estragos se não transcendidas. Ou seja, a imagem transmite sempre uma informação e, se analisado a fundo, constata-se que a verdade, a realidade é informação (Meneghetti, 2022; Hostermann, 2021). Por isso, é preciso adentrar em uma constante vigília para com todas as imagens, além de uma revisão do funcionamento do próprio Eu, pois “cada um é segundo o mundo que se autocria. O homem novo, o homem sem mitos, é aquele que constrói o próprio universo em inovação de desenvolvimento” (Meneghetti, 2015b, p. 381).

2.7 Construindo um cotidiano de imagens com sentido de vida

Não basta somente conhecer a imagem. Depois de identificar quais as imagens e informações foram recebidas e conseguir então distinguir quais são sentido de vida, é necessária a ação momento a momento, imagem a imagem, de escolha das imagens vitais. É preciso (re) construir o Eu. Segundo Meneghetti (2004, p. 180), “cada um de nós incrementou, nasceu e

17 Mnésico = “traçado de células neurônicas reunidas em reação constante a determinados impulsos” (Meneghetti, 2021b, p. 181).

renasce fazendo-se. Cada vez que você escolhe de modo oportuno, cômputo, funcional a si mesmo devém mais”, e é neste ponto em que está a responsabilidade de ser um ativo protagonista nas próprias escolhas diante de qualquer imagem percebida, pois quando se escolhe aquilo que é bom para si, torna-se mais a si.

O Em Si ôntico concretiza-se como identidade funcional-utilitarista. A existência é possibilidade ou oportunidade para realizar a seleção temática do Em Si ôntico, para chegar à consumação de toda existência para encontrar-se na evidência do ser ou conhecer sem existência (= consciência apriórica) (Meneghetti, 2014, p. 302).

Se um sujeito deseja alcançar uma plenitude de si mesmo, ele precisará decidir com humildade. Precisa autenticar o próprio Eu e isso é possível pela consultoria de autenticação¹⁸ que o torna capaz não somente de “identificar a intuição, mas consente ao indivíduo também realizá-la concretamente, indicando a cada vez as passagens históricas para atuá-la” (Meneghetti, 2020b, p. 350).

O processo de *training* de autenticação consiste em um exercício crítico de revisão da própria consciência, acompanhada da metanoia (Meneghetti, 2022). Nele, verifica-se se existe congruência entre aquilo que se pensa e se faz com aquilo que, verdadeiramente, por essência se é. Caso se identifique que não existe essa reversibilidade, isto é, as escolhas tomadas versam em um caminho que diminui a identidade de si, então faz-se necessária a autentica-

18 “Autenticação significa rever a exatidão do instrumento mental. O homem normal, em sede de psicologia, é já um ponto de chegada, mas o escopo do processo de autenticação em psicoterapia ontopsicológica é a criatividade: fazer o gênio do potencial de natureza” (Meneghetti, 2005c, p. 57).

ção com o critério do Em Si ôntico do sujeito, para que as escolhas sejam somente de aumento da própria personalidade (Veras; Weber, 2021; Meneghetti, 2005b).

Para Meneghetti (2018a, p. 102) todo esse processo da ontoterapia em que consiste a Ontopsicologia “[...] é como distinguir as informações virológicas das ônticas: qual é a imagem que dá realidade e qual é a imagem que não dá a realidade que serve a cada um, ao próprio órgão, ao próprio tempo, para a própria casa”. É preciso um olhar para dentro e identificar as imagens fixas, as informações que o formatam o sujeito daquele modo que nunca muda e que barra o seu natural desenvolvimento.

A dinâmica de saúde para a criatividade é o que configura a sanidade de ordem na vida do sujeito, o que faz é sempre um reforço para seu crescimento, e quanto mais o faz, mais torna-se. É expansivo com seu território porque possui uma dialética livre com o seu Em Si ôntico, não há o desvio nas informações, percebe o contexto real do que corresponde a si. Por isso, é significativa a ontoterapia no individualizar o Em Si ôntico daquele sujeito, porque trata-se do critério daquela pessoa na existência e, sem isso, pode-se correr no constante erro do desvio do monitor de deflexão. Nisto, Meneghetti (2018c) posiciona que, além de ser individualizado, o Em Si ôntico deve ser atuado sempre e continuamente, ação após ação. A cada momento, o comportamento do sujeito deverá ser condizente à imagem dada pelo Em Si ôntico, sem jamais traí-lo.

Por isso, a função da metanoia¹⁹ é imprescindível: um movimento de mudar a mente, os

19 “‘Metanoia’ significa colher o além da mente, mudar a mente, colher onde a mente intenciona o fim último, ou colher a transcendência que a mente dá de cada objeto próprio” (Meneghetti, 2022, p. 285).

pensamentos, as imagens, as informações que aquele ser humano cultiva dentro de si. Metanoia significa “variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si” (Meneghetti, 2021b, p. 180). Ainda, Meneghetti (2022) afirma que somente nesta condição a consciência reflete o real, ou seja, há reversibilidade entre ação e imagem, e há o homem autêntico, que é exatamente o homem com a sua consciência exata.

O autor (Meneghetti, 2022; 2021a) refere-se à metanoia como uma modificação completa de todas as projeções da mente, porém não de qualquer modo, não por um variar sem medida, mas, sim, à conformidade de um critério que sempre reflete a direcionalidade do próprio projeto de natureza. Com essa exatidão, tem-se um Eu lógico-histórico em nexos com as pulsões do Em Si ôntico. Metanoia é deixar de viver nas imagens meméticas para viver com as imagens ônticas. Segundo Meneghetti (2015c, p. 163) “é preciso saber matar os símbolos da mitologia psicológica e sociológica”. Nesse âmbito,

“Matar” significa saber morrer aos próprios memes, aos próprios estereótipos, ao próprio velho homem, morrer aos próprios limites e transformar si mesmo em contínua metanoia para ser presente naquele além em que a história chama por nome para ser compreendida e resolvida, em que o Ser chama para dar a oportunidade de ser o seu filho primogênito (ibid.).

A metanoia torna-se vital para libertar-se de um engenhoso sistema que anula o que há de melhor em cada um, “trata-se, portanto, de entrar dentro e compreender: é uma revolução interior na qual cada um deve despertar a si mesmo” (Meneghetti, 2013b, p. 133). Mas, no momento que se desperta, tem-se o nascimento

de um novo Eu, o qual deve estar sempre em um sério cuidado no que faz, pois deve “*colocar-se em uma transcendência das próprias chegadas*. Isso constitui o poder de ser mais: cada chegada para iniciar um mais ser [...] é um refazer em funcionalidade novos modelos [...]” (Meneghetti, 2022, p. 295, grifo do autor). É um conseqüente ato de fazer autóctise histórica para ser a melhor versão de si mesmo.

Para Meneghetti (2013b, p. 46), “continuamente experimentamos os efeitos das nossas causas e causamos os nossos efeitos”. Com essa máxima, entende-se a responsabilidade que existe na manutenção da vida individual, pois é sempre uma relação de causa e efeito em que cada ato é, no final, um passo adiante ou para trás. Não existe o estagnar, a vida se movimenta e se não se está no ritmo da vida se regride, por isso cada escolha reflete em fenômeno do próprio existir.

É um contínuo deixar escorrer o próprio potencial na existência para tornar-se mais ser. O indivíduo, “por meio da autorrealização histórica, alcança a autorrevelação eterna” (Meneghetti, 2017, p. 65).

O devir (vir de, nascer de) do homem é um nascimento contínuo, um nascimento eterno e somente a hipóstase de um certo tipo de memória nos faz perceber como identidade estática aquilo que, de fato, continuamente morre e continuamente renasce. Ninguém pode retomar a ação realizada, cada um de nós é feito de momentos irrepetíveis, irreprímíveis, nenhum de nós pode se deter. O homem não pode se deter, *é necessidade que devém*. Cada vez que você diz Eu, é já um outro. Cada vez que se pensa, é sempre novo. [...] Quando digo que o devir é o escorrer de novas posições contínuas de um infinito aberto aqui, agora e assim, entendo uma experiência que me confirma maiormente no meu ser (Meneghetti, 2017, p. 68).

O caminhar do próprio ponto exige que o indivíduo, em algum instante, seja íntegro no seu pensar e pergunte-se “sou eu ou o meu modo de existir que escolhe aquelas imagens metabolizadas organicamente, ou são elas que me escolhem e me determinam? Sou eu como resultado do meu estilo de vida” (Meneghetti, 2006, p. 126).

Para tanto, um estilo de vida que seja condizente ao modo do próprio Em Si ôntico equivale a ter um cuidado com a própria alma, a cultivá-la com sabedoria para que ela continue ativa, direcionando o que é melhor e mais funcional para ser feito naquele instante. Do contrário, caso não haja a mente em movimento, em um lapso de segundos chega uma informação, vem uma imagem, tem-se uma recordação, recebe-se um telefonema, uma mensagem, nos quais, com um símbolo, ativa-se um complexo, um pensamento obsessivo e se desvia completamente do que precisava ser feito, perde-se um tempo com o desvio e ainda mais para retomar-se ao ponto.

Um Em Si ôntico é como uma semente e deve ter um tratamento específico, por exemplo, para que uma semente possa vir a ser, de vir, ela precisa de determinada temperatura, uma quantidade de sol, de um ambiente propício para a sua constante. Cada fator é um determinante para que possa atingir todo potencial que há dentro da pequena semente, também estes podem atrapalhar o desenvolvimento pleno dela. É uma questão de metabolização, quando se metaboliza aquilo que faz identidade com a semente, ela vai crescer sempre firme e forte (Meneghetti, 2020a).

Do mesmo modo, para manter-se contato

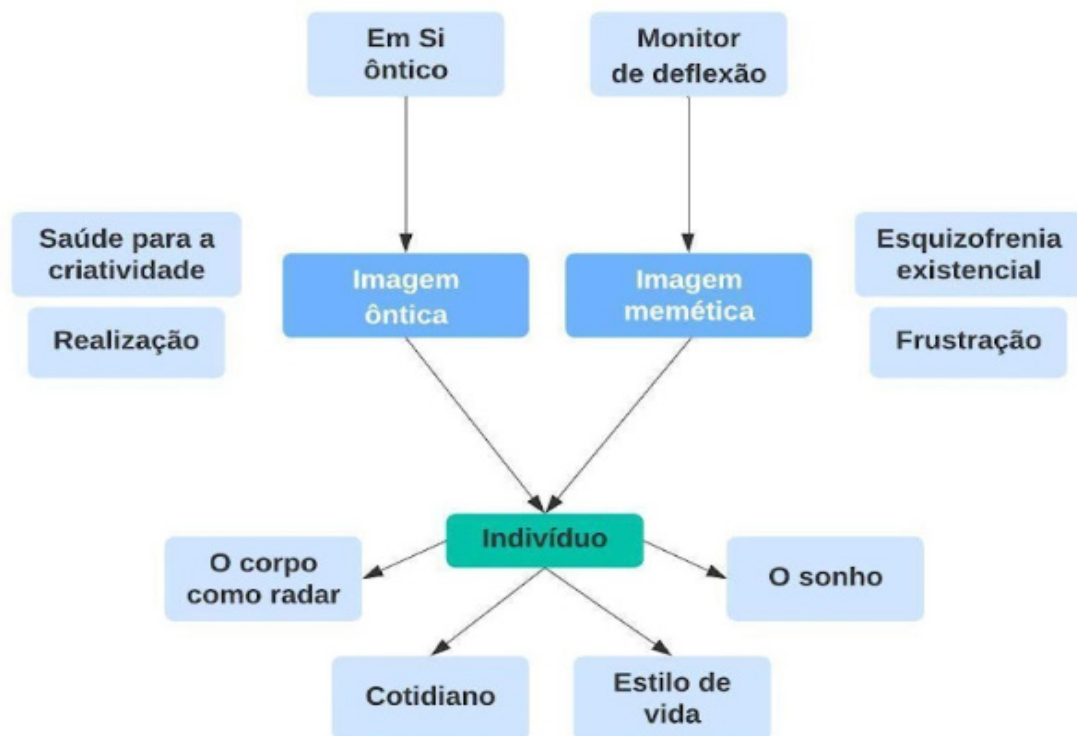
direto com o Em Si ôntico deve-se respeitar o miricismo cotidiano. Todos aqueles pormenores que parecem banais, mas que juntos são atores de suplemento para a manutenção de um bem-estar físico e psicológico. Porque de uma singela foto que se vê nas redes sociais podem se ativar tantas coisas. Conforme Meneghetti,

Em um potencial de memória, dá-se um sinal ao computador e o computador dá tudo aquilo que é correlato àquele sinal²⁰. O nosso inconsciente, a nossa fantasia, a nossa emoção, fazem o mesmo: a partir daquela imagem, tudo escorre por consequência. *A realidade nasce do sinal* (Meneghetti, 2020b, p. 388, grifo do autor).

Nessa ótica, é preciso olhar o modo de decoração da nossa casa privada. Existe a realidade da semântica dos objetos: os objetos são amórficos, são pequenas matérias, mas possuem uma semântica. Todos os objetos falam, nos fazem, nos revelam o que estamos fazendo, o que estamos vivendo (ibid.).

São tantas sutis informações que muitas vezes o indivíduo não se dá conta dos efeitos que elas causam, mas essas informações vão reforçando ou criando uma estrutura psicológica, emotiva e orgânica complexual e de estereótipos. A atenção deve ser sempre nos resultados, pensando no que aquele símbolo me informa: “não conta o símbolo, mas o que ele produz para mim aqui e agora. [...] São apenas os efeitos obtidos no sujeito a convalidar ou invalidar o símbolo causal” (Meneghetti, 2006, p. 51). A realidade individual se forma pelo modo em que cada um manobra os sinais que recebe a todo momento no seu estilo de vida.

20 “Traço, projeção, aparência de coisa, ação, ser. Palavra ou imagem de intencionalidade” (Meneghetti, 2021b, p. 255).

Figura 1 – Síntese dos pontos-chave da pesquisa

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

3 Considerações Finais

A realização do presente trabalho possibilitou um aprofundamento na compreensão dos efeitos que as imagens geram no humano a partir do estudo teórico da natureza da imagem e de como ela se movimenta no todo mundano e no interior do indivíduo. Assim, responde-se ao objetivo da pesquisa, o qual visava elucidar como as imagens impactam no estilo de vida do ser humano.

De modo geral, a pesquisa demonstra que, de fato, o ser humano vivendo em um universo informacional está sujeito a informar e ser informado continuamente. Porém, não deve ser um passivo receptor e operador de lógicas que não sejam condizentes com a vida, que não deem concretude ao seu potencial. Cada indiví-

duo possui um Em Si ôntico que por natureza tende à autorrealização e é de cada um a responsabilidade de realizá-lo.

Enquanto vivente, para perceber o real é necessário ser exato com a própria natureza. No entanto, existem desvios causados pelo monitor de deflexão que impedem uma correta compreensão da realidade e de tudo o que diz respeito à própria identidade. A partir de então, cada indivíduo começou a viver de um modo dividido, visto que, em essência, a pulsão do Em Si ôntico intenciona o desenvolvimento contínuo daquele ser humano a partir de um contato com imagens ônticas e que direcionam exclusivamente à autóctise histórica e ôntica. Por outro lado, o complexo e estereótipos com frequência habitam o sujeito, tendenciando-no a fixar-se em imagens meméticas a fim

de repetir perpetuamente um modelo fixo de comportamento. Contudo, a desconexão com a atualidade do próprio Em Si é exatamente a esquizofrenia existencial, da qual pode nascer também a esquizofrenia patológica clínica.

Neste ponto, para que se continue em um íntimo contato com o Em Si ôntico, deve-se constantemente vigiar a própria interioridade, pois as imagens tocam e dão direção para os modos de perceber e de agir no mundo. É preciso vigiar porque as imagens se movem de maneira sutil e influenciam sem que se perceba. Elas entram e condicionam os pensamentos que depois serão ações, vide a correlação entre forma e matéria, entre imagem e energia, ou mesmo entre informação e energia, abordadas nesta pesquisa.

Ao se compreender que a imagem é a informação que age continuamente no sujeito, que está estabelecendo uma dinâmica, também é possível reconhecer se são imagens ônticas ou imagens meméticas. As imagens ônticas são acretivas para o sujeito, levam-no para uma posição de mais ser, de devir ôntico-existencial, de concretização da virtualidade existente nele. Enquanto as meméticas são imagens por si mesmas, são repetitivas e vazias e tendência o sujeito à manutenção de hábitos fixos e ideias que afastam-no da própria realização. É preciso verificar se a presença daquele objeto, daquela pessoa, daquela mensagem, daquele símbolo reportam ordem de unidade ou então confusão.

A postura da pessoa frente à exposição a tantas imagens deve ser a de utilizar continuamente o critério organísmico. O uso das sensações corporais, dos sonhos, da intuição, das informações do Em Si ôntico são condições para se realizar decisões e ações adequadas para si conforme à natureza de si mesmo. Assim, para

manter-se nessa dinâmica, o sujeito, a partir do seu estilo de vida e de todas as coisas cotidianas, deve estar rodeado de elementos que lhe transmitam informações de vitalidade.

Dada a relevância do tema e a abrangência de pesquisa sobre a temática da imagem, considera-se importante indicar que sejam desenvolvidas novas pesquisas e projetos nessa área, em especial, pesquisa empírica. Verificando-se, assim, mais ampla e profundamente o impacto causado pelas imagens no ser humano, e favorecendo maior tomada de consciência pelos indivíduos acerca da relação entre imagem e sujeito. No final, tudo reduz-se a informação, e é o indivíduo que deve identificar e decidir pelas imagens com sentido de vida, de mais ser.

Referências

FERRAZ, M. A. R. **Campo Semântico: como reconquistar a linguagem primária da natureza humana.** Saber Humano, n. 4, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, 2019. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/378>. Acesso em: 01 abr. 2023.

HAYNES, J-D.; REES, G. **Predicting the orientation of invisible stimuli from activity in human primary visual cortex.** Nature Neuroscience, 8, p. 686-691, 2005. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nn1445#citeas>. Acesso em: 02 abr. 2023.

HOSTERMANN, H. E. **Metafísica da Física: a relação crítica entre o problema crítico do conhecimento e a Ontopsicologia.** Revista Brasileira de Ontopsicologia, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/19>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MARTINS, F. **Imagem e fenomenologias da**

autoctise histórica: a relevância da análise onírica na Psicoterapia Ontopsicológica. Saber Humano, v. 7, n. 11, 2017. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/241>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MENEGHETTI, A. **A psicologia do líder.** 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.

MENEGHETTI, A. **Campo Semântico.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, A. **Cinco lições de Ontopsicologia.** Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005a.

MENEGHETTI, A. **Cinologia ontopsicológica.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser:** como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia.** 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021b.

MENEGHETTI, A. **Falando aos Jovens.** Vol. 3. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020a.

MENEGHETTI, A. **Filosofia ontopsicológica.** 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, A. **Imagem alfabeto da energia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **Introdução à Ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, A. **Isomaster como empresário do ser.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018a.

MENEGHETTI, A. **Manual de melolística.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018b.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **O critério ético do humano.** 2. ed. Recanto Maestro: 2018c.

MENEGHETTI, A. **O em si do homem.** 5. ed. Ontopsicologica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **OntoArte:** o em si da arte. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003a.

MENEGHETTI, A. **O monitor de deflexão na psique humana:** princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e memética.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e memética.** Roma: Psicologica Editrice, 2003b.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2013b.

MENEGHETTI, A. **O Residence Ontopsicológico.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005c.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019a.

MENEGHETTI, A. **Psicologia empresarial**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020b.

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019b.

NEU, W. M. F.; MACHADO, M. R. **Einführung e campo semântico**: uma investigação fenomenológica de suas diferenças e aproximações. *Saber Humano*, v. 10, n. 16, 2020. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/441>. Acesso em: 01 abr. 2023.

OLIVEIRA, P. M. C. **Energia e Matéria**: Da Fundamentação Conceitual às Aplicações Tecnológicas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/6p6wnf7gWSc7fPXvm6khVr/q/?lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SARTRE, J-P. **O imaginário**: psicologia fenomenológica da imaginação. Petrópolis: Vozes, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/>